



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO **138**
NOVEMBRO
DEZEMBRO 2012



As idades do mar

Mikhael Essayan (1927-2012)



O presidente honorário da Fundação Calouste Gulbenkian, Mikhael Essayan, morreu no dia 23 de outubro em Londres, com 85 anos de idade. Neto de Calouste Gulbenkian, foi administrador da Fundação entre 1981 e 2005, tendo sido sucedido, nesse cargo, pelo seu filho Martin Essayan. Advogado, trabalhou na Iraq Petroleum Company, em Londres e no Médio Oriente, e foi Membro do Conselho Geral da Ordem dos Advogados britânicos. Conselheiro da Rainha (Queen's Counsel), era doutorado honoris causa pela Academia Nacional das Ciências da Arménia e em Portugal foi distinguido com a Ordem do Mérito e com a Grã-Cruz da Ordem do Infante. Num momento de profundo pesar, o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian salienta a elevada dedicação, competência e integridade com que Mikhael Essayan honrou a Fundação que serviu ao longo de 30 anos.

Mikhael Essayan, neto de Calouste Gulbenkian, foi membro do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, entre 1981 e 2005, sendo eleito Presidente Honorário em 1992.

Possuía sólidas qualidades de inteligência e de carácter que faziam dele um homem firme nas suas decisões, afável, discreto e austero no seu comportamento. Dotado de uma sólida formação académica, foi um prestigiado advogado, com uma rica experiência de gestão. Homem culto, sempre afirmava uma visão humanista que transparecia na sua argumentação e na defesa dos princípios e valores em que tanto acreditava. Pessoa de hábitos sim-

ples, valorizava especialmente o contacto com a natureza, procurando passar parte das suas férias na montanha.

Diplomata nato na constante procura das melhores soluções entre os seus pares, Mikhael Essayan deu à Fundação um contributo inestimável, nomeadamente em todas as ocasiões em que se tornou necessário defender e proteger os superiores interesses da Instituição, que sempre colocou em primeiro lugar, bem como na renovação do seu sistema de governo, operado a partir de 2002. A sua dedicação à Fundação foi fundamental nos momentos mais difíceis, como os da sucessão do Doutor Azeredo Perdigão ou da reorganização do sector do petróleo em 1998.



Retrato de família: ao centro, Calouste e Nevrte Gulbenkian. Da esquerda para a direita: Kevork e Rita Essayan, Roberto Gulbenkian, Mikhael Essayan, Nubar Gulbenkian e a sua mulher.

Espírito aberto ao conhecimento e aos desafios do futuro, desenvolveu uma ação particularmente relevante nas áreas de intervenção que a Fundação mantém nas Comunidades Arménias espalhadas pelo mundo, bem como junto das instituições do Reino Unido, com as quais têm sido desenvolvidos diversos programas e projetos nas áreas da educação, da cultura e do desenvolvimento social. Foi através de Mikhael Essayan que se iniciou uma colaboração efetiva entre os projetos desenvolvidos pelo UK Branch e os programas de atividades conduzidos em Portugal, com especial relevo para os setores da formação, do ensino artístico e do apoio social a grupos mais desfavorecidos.

O exemplo de Mikhael Essayan deverá constituir uma referência para todos os que servem a Fundação Calouste Gulbenkian. ■

Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian

Mikhael Essayan com o filho, Martin Essayan, e netos, durante a cerimónia de plantação de um sobreiro frente à antiga delegação da Fundação em Londres (2006)



A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 138.NOVEMBRO.DEZEMBRO.2012 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
COLABORAM NESTE NÚMERO Ana Mena | Ana Barata | Patrícia Fernandes | DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro
| João Silva [DDLX] | REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga | IMAGEM DA CAPA Manet, A Evasão de Rochefort © Musée d'Orsay |
IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 |
info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



FAZ: da teoria à ação

Este mês arranca a 2.ª edição do concurso FAZ – Ideias de Origem Portuguesa, promovido pela Fundação Gulbenkian em parceria com a COTEC, com o objetivo de aplicar as melhores ideias dos que estão fora e querem ver o país a melhorar. Na primeira edição do concurso, o projeto Arrebita!Porto foi o vencedor, defendendo a ideia da reabilitação urbana a custo zero. Na Ribeira, o projeto começa agora a tomar forma e um edifício devoluto poderá voltar a ser habitado dentro de dois anos.

“A ideia surgiu em cinco minutos”, conta José Paixão, no ateliê onde trabalha a equipa do Arrebita!Porto, um espaço cedido pela PortoVivo, entidade responsável pela reabilitação urbana da Baixa portuense, em pleno bairro da Sé. Estamos a cinco minutos a pé da Rua da Reboleira, na Ribeira, onde fica o edifício devoluto há mais de 20 anos, escolhido para testar o projeto Arrebita!Porto. Este edifício de três andares foi construído no século XX, embora esteja inserido numa malha urbana medieval, e a última vez que esteve ocupado foi para alojar temporariamente uma escola primária. Se tudo correr bem, em 2014 terá habitação nos pisos superiores e o piso térreo servirá para “incubar” um serviço ou projeto que possa gerar valor para a comunidade local. Tudo a custo zero, à base de parcerias. Assim se pretende combater o abandono no coração das cidades.

São onze da manhã. Enquanto conversamos no ateliê do Arrebita!Porto, da janela vemos decorrerem sem constrangimento atividades habitualmente associadas ao tráfico e consumo de estupefacientes, que são prática comum no bairro da Sé, onde, apesar de tudo, se observam alguns sinais de recuperação, com obras recentes na via pública. José Paixão não olha a “má frequência” deste bairro histórico como um problema, mas, convivendo pacificamente com a comunidade local, antes a vê como prova de que existe muito para fazer.

Natural do Porto, arquiteto de formação e nómada por vocação, José Paixão soube da abertura do concurso FAZ – Ideias de Origem Portuguesa, no início de 2011, através de um anúncio no *site* do jornal *Público*, quando estava a viver e a trabalhar em Viena. O concurso convocava os portugueses de fora do país – da chamada “diáspora” – a desenvolverem projetos de inovação e de empreendedorismo social que respondessem aos desafios que Portugal enfrenta. “De imediato tive vontade de participar, definir um problema-alvo e um modelo de solução”, relata. “A parte mais fácil”, acrescenta, “foi ter a ideia.” Depois, o desafio foi transformar esta ideia num projeto real, com impacto.

“Os centros das cidades são os seus motores”, defende José Paixão, que esteve 12 anos fora do país. Durante esse período, viveu no centro de cidades europeias como Viena, Londres ou Amesterdão. Sempre que regressava a Portugal sentia o problema com particular gravidade – é preciso dinamizar o centro das nossas cidades e a solução passa necessariamente pela reabilitação de edifícios abandonados. “Não queremos concorrer com a reabilitação comercial ou com o esforço público que está a ser feito; queremos trabalhar naquela margem que, para nós, é mais negligenciada, que são as reabilitações que não são rentáveis ou atrativas para o investimento privado”, explica o coordenador do Arrebita!Porto.



José Paixão no edifício a reabilitar © Márcia Lessa

MÃOS À OBRA

Aproveitando uma aberta no dia chuvoso, deixamos o bairro da Sé. Começamos a descer em direção à Ribeira, passando pelas obras junto ao Mercado Ferreira Borges. Alguns minutos depois, avistamos o rio. Entramos na Rua da Reboleira e em muito pouco tempo estamos em frente do edifício cujas paredes já perderam a cor e que reconhecemos dos alçados, cortes e fachadas que vimos no projeto de arquitetura. Em volta, os edifícios encontram-se num estado geral de degradação e os poucos habitantes na vizinhança já foram alertados para as obras que se aproximam. Dentro do edifício, não nos arriscamos a subir mais do que um andar, apesar das garantias de José Paixão de que o chão é seguro.

Os contactos com potenciais parceiros do Arrebita!Porto – que atualmente constituem um vasto conjunto de parceiros institucionais, operacionais, logísticos, fornecedores e de comunicação – começaram antes de José Paixão saber que ele e a sua equipa tinham vencido o concurso FAZ. Assim pôde ser testada no terreno a receptividade ao projeto: “A primeira vez que apresentámos esta ideia à Câmara Municipal do Porto fomos muito bem recebidos”, recorda. Através de um estudo feito em conjunto com a Direção de Património da Câmara, identificaram este edifício, que

encaixava perfeitamente nos objetivos do projeto. “Era um caso paradigmático porque pertence à Câmara e está devoluto há mais de vinte anos. Durante todo este tempo, a Câmara tentou colocar este edifício em hasta pública, sem qualquer sucesso. Por outro lado, a autarquia também não tem recursos próprios para o reabilitar.”

“O Arrebita!Porto é um projeto que une diferentes partes e que depende muito da coordenação entre elas”, diz José Paixão. Para além da sua estrutura nuclear, que conta com vários consultores e um número significativo de voluntários, incluindo equipas internacionais de recém-formados, em arquitetura e engenharia, assenta ainda numa rede imensa de instituições, empresas e faculdades que permitem viabilizar o projeto. “O desafio é encaixar todas essas peças”, afirma com aquele brilho nos olhos próprio de quem gosta de desafios.

Com o plano de reabilitação já aprovado, e o projeto de execução praticamente concluído, a equipa internacional de jovens arquitetos e engenheiros participante já se mostra desejosa de passar à fase seguinte desta reabilitação-piloto: entrar em obra.

“E não se importam de sujar as mãos?” José Paixão desmistifica: “Isso é uma questão cultural, porque no Norte da Europa, especialmente nos países escandinavos, é prática comum jovens arquitetos ganharem experiência em car-



Os estagiários David (engenheiro, Escócia); Luis (engenheiro, México); Céline (arquitecta, França); Marco (arquiteto, Itália) com José Paixão © Márcia Lessa

pintaria e outros trabalhos de ‘trollha’. São coisas que não se aprendem na universidade, mas com mestres e com encarregados. E este projeto não é convencional, por isso é preciso alguma abertura de espírito.”

MONTRA DE SOLUÇÕES INOVADORAS

“Fantástica” também tem sido a receptividade das empresas ao Arrebita!Porto. “É uma oportunidade de valorização para as empresas e, para que este projeto seja viável e sustentável, é essencial que assim seja. Existe uma contrapartida muito direta para os fornecedores, que advém do quadro de mecenato social, mas existe um mundo de contrapartidas que vai para além disso: esta plataforma une jovens criativos e profissionais, empresas e faculdades, todos juntos em torno de uma missão de reabilitação, o que permite criar soluções inovadoras.” Aponta um exemplo prático que resulta já desta reabilitação: uma caixa que concentra cozinha, quarto de banho, lavandaria e até um sistema de cultura hidropónica para ervas aromáticas e afins. “Esta solução tem o potencial de ser comercializada”, afirma convicto José Paixão, que também vê este projeto como um laboratório de produtos e soluções.

“As empresas têm uma atitude muito interessante: quando querem participar, oferecem os seus melhores produtos,

mais inovadores, ‘topo de gama’, os que no fundo lhes custam mais a produzir. Porque é o produto que representa melhor a empresa e querem dar-se a conhecer.”

NÃO BASTA TER IDEIAS

“Tudo isto também é uma experiência nova para mim, porque nunca estive envolvido num projeto de empreendedorismo. Apesar de já ter trabalhado em ateliês de arquitetura, a minha formação é muito académica”, explica. No início, José centralizava muito e delegava pouco, o que acabava por ter um efeito negativo no trabalho. Diz então que uma das aprendizagens neste processo foi também em termos de organização da estrutura, ao criar grupos de competências, ter diferentes coordenadores com diferentes responsabilidades e assumir muito mais uma posição de coordenação, em vez de estar a resolver todos os pormenores e a envolver-me tecnicamente no projeto.

Um dos aspetos que valoriza na preparação do projeto, ainda numa fase de pré-seleção do FAZ, foi a formação dada pelo IES – Instituto de Empreendedorismo Social, parceiro do concurso. “Acho muito interessante que a maior parte dos concorrentes no FAZ sejam pessoas sem competências ou formação em gestão e empreendedorismo. Têm as suas vidas montadas, são profissionais nas suas áreas,



O ateliê no Bairro da Sé © Mária Lessa

mas não têm essa experiência, por isso é importante complementar as suas ideias e capacitá-las com essas ferramentas. É muito importante transformar uma ideia num projeto viável, porque não basta ter ideias.”

Mais do que ter uma ideia, para José Paixão, o essencial é ter um plano. “Uma ideia pode ser uma vontade: ‘Quero acabar com a fome no mundo’ ou ‘Quero regenerar as cidades’ são exemplos disso”, afirma. “Mas é preciso ir para além dessa vontade, definir problemas específicos e balizados, bem concretos. E persistir numa direção, porque muitas vezes trabalhar em muitas frentes e querer resolver tudo em simultâneo não leva a lado nenhum.”

Sobre o Arrebita!Porto, insiste que este não é um projeto dirigido ao mundo especializado da arquitetura e da engenharia. “A nossa ambição é envolver o público, a comunidade local e ser um projeto social.”

MUDANÇA TEM DE PARTIR DE DENTRO

José Paixão considera que o que está a fazer no Porto era impossível fazer numa cidade estrangeira, onde seria um *outsider*, sem capacidade de mobilizar as pessoas à sua volta. “Nunca teria a capacidade para desenvolver um Arrebita! nos Estados Unidos, Inglaterra, Áustria ou Holanda. Porque há coisas que só os portugueses podem fazer em Portugal, tal como noutros países só os locais as podem fazer. Há algo que nos une como nação, que faz com que possamos intervir com legitimidade. As pessoas apoiam este projeto porque sentem o problema enquanto comunidade e querem fazer parte da solução. Há aqui uma ressonância emocional que faz com que o projeto seja viável e o FAZ é uma oportunidade única para portugueses que estão no estrangeiro.”

Num momento em que se fala tanto de intervenções externas, para José Paixão é importante dizer que a mudança tem de partir de dentro. “Precisamos de portugueses em Portugal para transformar o país. Os que estão no estrangeiro ganharam muita experiência, têm visões de Portugal a partir de fora, têm toda a capacidade para regressar e transformar as coisas. Precisamos deles cá.” ■

Mais informações sobre o FAZ:

www.ideiasdeorigemportuguesa.org

ESTÁGIOS

Para as equipas internacionais de recém-formados em arquitetura e engenharia, os estágios de três meses que o Arrebita!Porto oferece servem como uma ponte entre a formação académica e a sua entrada no mercado de trabalho. Apesar de não haver uma remuneração direta envolvida, existe “uma troca de valor”: os jovens ganham a experiência de se envolverem no âmago de um projeto que são eles próprios a promover; estão no centro da ação, tomam decisões e responsabilizam-se por elas. E depois aproveitam o contacto com uma grande rede de empresas, de consultores, de faculdades, para além da oportunidade de sentirem o impacto do seu trabalho no terreno. Em troca do seu empenho, durante o estágio, é-lhes assegurado alojamento (um apartamento em campus universitário), alimentação e transporte na cidade (uma bicicleta), tudo conseguido através de parcerias e apoios.

Ajuda de Pais

Este projeto nasceu dos dias sem luz ao fundo do túnel, da experiência ancorada na solidão de ter um filho deficiente. Um projeto com pais que tiveram a coragem de enfrentar o problema de uma vida e de o partilhar com outros, para aprenderem juntos a enfrentar as diferenças. Chamaram-lhe Oficinas de Pais/ Bolsas de Pais e têm percorrido o país com o objetivo de pôr a funcionar uma iniciativa pioneira, mas também de criar grupos de pais prestadores de ajuda.

Uma a uma, as mães vão chegando e formando um semicírculo na grande sala do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) em Lisboa. Antes de começar a sessão sentar-se-á um pai, único elemento masculino presente, e que ali se encontra com o mesmo objetivo de falar sobre os últimos meses de trabalho. Este é o grupo mais avançado, o que vai ser pioneiro na prestação de ajuda a outros pais com filhos deficientes. Para isso, passaram as três etapas obrigatórias do programa: Grupo de Apoio Emocional, Corresponsabilização e Formação de pais prestadores de ajuda.

Júlia Serpa Pimentel, professora, psicóloga e umas das coordenadoras do projeto, pede a todos que se pronunciem sobre o que mudou, numa espécie de balanço sobre as muitas horas de trabalho que realizaram juntos. Nas respostas há muitas perguntas e emoção, mas também uma certeza, que vem de uma mãe que tem dois filhos deficientes profundos: “No meu percurso, não tive outros pais que me dessem essa ajuda que acho que todas teremos as condições de poder dar a outras pessoas. Isto de sermos pares – pais em pé de igualdade com outros – torna-nos privilegiados para uma relação que os técnicos nunca conseguirão ter com essas famílias.” Na sala há acenos de concordância e outra mãe exprime uma convicção nascida da sua experiência: “Os pais muitas vezes isolam-se e não falam com os técnicos. Frente a um pai ou a uma mãe com o mesmo problema, acabam por pedir



ajuda. Já falei com algumas técnicas de intervenção precoce, com psicólogas, que me disseram que faz muita falta um pai prestador de ajuda numa equipa de intervenção precoce.” E este grupo composto por 15 pais está pronto a criar a rede e a ajudar outros.

A CONSCIÊNCIA DA NECESSIDADE

Luísa Beltrão, presidente da Associação Pais-em-Rede, tem uma filha deficiente com 32 anos e muito cedo lhe disseram em Inglaterra que “ela aprenderia a ler e a escrever, mas que em Portugal não teria essa hipótese”. Lutadora pelos direitos destas crianças obrigadas à diferença, também ela sentiu as dificuldades da maternidade fora dos padrões sociais e a falta de apoio, e apercebeu-se de que, “quando a deficiência é reconhecida oficialmente, os pais são sistematicamente arredados e deixam de ser gestores da vida dos seus filhos”. E conclui: “Por isso se isolam muitas vezes, sem reconhecerem as suas necessidades.”

Em 2009, a Associação surgiu precisamente para acabar com o isolamento das famílias, “construindo um mundo onde os deficientes sejam olhados como pessoas em toda a sua plenitude”. Dois anos depois, com o apoio da Fundação Gulbenkian (Programa de Desenvolvimento Humano) e da Direção-Geral de Saúde, avançou este projeto coordenado pela Associação e pelo ISPA, em colaboração com universidade



© Marcia Lessa

des do país que oferecem os locais para as oficinas regulares e para a discussão das várias situações existentes nas comunidades. Luísa Beltrão diz que são “caixeiros-viajantes, que andam sempre de um lado para o outro”, e que o projecto depende também de todos os que quiserem ajudar.

Um dos objetivos do projeto é a formação de pais prestadores de ajuda, mas só alguns o poderão fazer, depois de trabalharem as suas próprias experiências, tal como o grupo reunido no ISPA.

DAR PODER AOS PAIS

Júlia Pimentel recorda que o Instituto entrou no projeto a pedido da presidente da Pais-em-Rede que pretendia formar grupos de pais prestadores de ajuda. Só que, para exercer essas funções, teriam de ter primeiro “as suas vidas pacificadas”, diz a psicóloga, que decidiu criar três níveis de envolvimento no projeto. O primeiro, intitulado Grupo de Apoio Emocional, é aberto a toda a gente, proporciona o encontro entre pais para que expressem as suas emoções, é centrado na pessoa e não no filho. Há uma troca de experiências sobre o que se passa na família e nas relações e, como diz a psicóloga, “finalmente encontrámos pessoas a quem não precisávamos de explicar tudo porque tudo era parecido com o que tinham vivido”. De norte a sul do país, já participaram nestes grupos mais de duas centenas de pessoas.

O segundo nível – Fortalecimento e Corresponsabilização – integrou um conjunto de palestras, pensado a partir das rotinas das famílias e com a pergunta “O que está a acontecer neste momento e em que medida contribui para o futuro que quer para o seu filho?”. Esta visão, diz Júlia Pimentel, “permitiu identificar problemas e capacitá-los para terem papel ativo no processo, ou para lidar com as suas frustrações”. Neste nível há um orientador das sessões, uma vez que esta não é uma escola de pais, mas uma oficina que é construída por todos. Tudo se desenrola a partir do que vai surgindo no momento.

O último passo é a Formação de Pais Prestadores de Ajuda, a partir de um processo de reflexão pessoal sobre o que é pedir e prestar ajuda. O grupo funcionará sempre com supervisão, mas criará ele próprio a rede de pais a quem vai prestar ajuda. Depois de percorridos os três níveis, os que se sentam na sala do ISPA reconhecem que a responsabilidade é grande, mas já sabem o que significa “ajudar”. Uma das mães presentes diz que o segredo está em acompanhar e não resolver pelos outros: “Se fizer o caminho por aquele pai ou por aquela mãe, perde-se tudo. Se lhes der a cana e os ensinar a pescar, sem lhes dar o peixe, é muito mais saboroso.” ■

Informações e apoios: www.paisemrede.pt



Envelhecimento e inovação social

A assinalar o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações, realiza-se, a **19 e 20 de novembro**, a conferência internacional *Envelhecimento e Inovação Social*.

O envelhecimento é já um traço evidente da estrutura demográfica portuguesa. Em menos de 20 anos, um em cada cinco portugueses terá mais de 65 anos e em meados do século XXI essa proporção será de um para três. Desde há vários anos, e antecipando esta problemática, a Fundação Calouste Gulbenkian tem vindo a trabalhar junto dos mais velhos, sobretudo em três áreas: solidão/isolamento, demências e relações intergeracionais. Esta intervenção tem sido feita através do financiamento de projetos inovadores que testem respostas novas, melhores e mais criativas a estes problemas associados ao envelhecimento da população.

OS DESAFIOS NA EUROPA E NO MUNDO

Organizada pelo Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano e pela delegação da Fundação no Reino Unido, a

conferência traz a Portugal alguns dos principais especialistas desta temática, nomeadamente membros da União Europeia, das Nações Unidas e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico e investigadores oriundos de vários países europeus, que nos fornecerão pistas para refletir e debater sobre o papel da inovação nas práticas e políticas do envelhecimento.

“Os desafios do envelhecimento na Europa” e “Os desafios do envelhecimento no mundo” serão os grandes temas debatidos nas manhãs dos dias 19 e 20 de novembro, respetivamente. O painel dedicado ao caso europeu será presidido por Manuel Villaverde Cabral, responsável pelo Instituto do Envelhecimento, e integrará nomes como Sally Greengross (Centro Internacional para a Longevidade, Reino Unido), Maria Angeles Duran (Conselho de Investigação, Espanha), Claude Martin (Centro Nacional de Investigação Científica, França) e Angela Cluzel (Plataforma Europeia para o Envelhecimento). O principal orador desta sessão é Lászlo Andor, comissário europeu para o Emprego, Inclusão e Assuntos Sociais, que se debruçará sobre o tema “Envelhecer ativamente: um desafio para o indivíduo e para a sociedade”.

O painel dedicado aos desafios do envelhecimento no mundo será presidido por António Nóvoa, reitor da Universidade de Lisboa, e é composto por Alexandre Sydorenko (ONU), Elettra Ronchi (OCDE), Richard Blewitt (HelpAge International) e Alain Franco (Associação Internacional de Gerontologia e Geriatria). Jorge Pinto

Antunes, da Direção-Geral de Saúde e Consumidores da União Europeia, é o orador principal desta manhã e desenvolverá o tema “Parceria europeia de inovação para um envelhecimento ativo e saudável”.

Durante a tarde, o Hall dos congressos será ocupado por representantes dos projetos dedicados aos mais velhos que têm vindo a ser apoiados pela Fundação Gulbenkian, tanto em Portugal como no Reino Unido. Cada projeto terá a sua própria banca, não só para disponibilização de informação sobre o trabalho que tem sido feito no terreno, mas também para possibilitar a interação com o público interessado, que poderá colocar perguntas e assistir a apresentações. Simultaneamente decorrerão sessões de trabalho à porta fechada.

A tarde do primeiro dia será ainda marcada por um *workshop* aberto ao público sobre práticas intergeracionais, coordenado por Alan Hattan-Yeo (Beth Johnson Foundation). Em 2009, foi lançado o concurso de ideias Entre Gerações, em simultâneo no Reino Unido e em Portugal, para seleção e teste de novas experiências intergeracionais. O objetivo era encontrar projetos originais que testassem o potencial das relações intergeracionais como ferramenta de coesão social, tendo sido escolhidos 18 projetos, sete portugueses e onze britânicos

O ENVELHECIMENTO NA AGENDA

Uma aldeia pedagógica, um arquivo de memórias, um rio como laboratório e ponto de encontro de gerações ou uma oficina de ofícios que pretende perpetuar profissões em extinção, são algumas das iniciativas que o programa Entre Gerações permitiu trazer à luz do dia. As ideias iniciais foram aperfeiçoadas ao longo do tempo com o contributo e envolvimento dos próprios beneficiários, condição que se tem mostrado uma receita para o sucesso das mesmas.

Além da identificação do estreitamento de laços entre gerações como uma das pedras basilares para um envelhecimento ativo e saudável, foi também identificada como prioritária a atuação na área das demências, inevitavelmente associadas ao aumento da esperança média de vida. Um dos projetos mais emblemáticos e exemplificativos do trabalho que a Fundação tem vindo a fazer nestas áreas, Cuidar de Quem Cuida, contribui para manter doentes de Alzheimer ou em situação de pós-AVC em suas casas, junto das suas famílias. Para isso, têm sido criadas respostas sociais e de saúde direcionadas aos cuidadores informais destes doentes, que são normalmente os filhos ou o cônjuge, para maximizar o seu bem-estar. Desenvolvido nos municípios da região de Entre Douro e Vouga (São João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Santa Maria da Feira, Arouca e Vale de Cambra), o projeto existe desde 2009 e é responsável pela dinamização de uma



Imagem do livro Entre Gerações © Isabel Pinto



Imagem do livro Entre Gerações © Isabel Pinto

rede de apoio ao cuidador, que vai desde o apoio especializado de cuidadores formais para tarefas específicas ou de voluntários para atividades quotidianas ou simples companhia até à possibilidade de recorrer a serviços de internamento temporário para descanso do familiar cuidador. A intenção é vir a criar condições para estender esta rede a todo o país.

Também em 2009, a Fundação apoiou a criação do Instituto do Envelhecimento, unidade de investigação que tem como missão aprofundar o conhecimento científico e dar formação avançada neste domínio. Desde essa data, o Instituto tem sido responsável pela produção de artigos científicos para publicações internacionais e pelo desenvolvimento de estudos, como “Envelhecimento e mercado de trabalho” ou “Envelhecimento, saúde e qualidade de vida”. ■



Mais-valia sénior

O título diz tudo. O Mais-Valia Sénior conta com a participação profissional de todos os que, depois dos 55 anos, queiram oferecer voluntariamente o seu saber e experiência aos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP). O projeto do Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento será desenvolvido em missões de voluntariado de curta duração, de acordo com necessidades específicas dos vários países, nas áreas da Educação, da Saúde e das Artes.

O objetivo deste projeto centra-se na criação de uma bolsa de voluntariado qualificado, composta por profissionais

experientes que, em parceria com instituições locais e organizações não governamentais no terreno, possam responder às necessidades do chamado terceiro setor. Os candidatos deverão ter: idade igual ou superior a 55 anos; formação académica ou técnica especializada; experiência profissional; e disponibilidade para integrar missões com um período máximo de dois meses.

Os selecionados farão uma formação específica para a missão antes da partida. As candidaturas estão abertas até **31 de março de 2013** em www.gulbenkian.pt (apoios, projeto Mais-Valia). ■

Encontro de Fundações da CPLP

As questões relacionadas com o desenvolvimento local e da sociedade civil vão estar em foco no 9.º Encontro de Fundações da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), de **6 a 8 de novembro** em Cabo Verde. Destinado a fundações dos países africanos de língua oficial portuguesa, do Brasil e de Timor-Leste, este Encontro prevê, entre outros temas, a globalização e o desenvolvimento local, a saúde, a promoção dos direitos humanos, bem como a apresentação de projetos da sociedade civil.

Nas ilhas de Santo Antão e de São Vicente, os vários intervenientes, entre eles o presidente do Centro Português de Fundações e da Fundação Gulbenkian, Artur Santos Silva, vão debater o papel das fundações lusófonas e a criação de sinergias e redes para uma intervenção mais concertada nos diversos países. Outro dos temas abordados será a atualização do estudo sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio nos países da CPLP, iniciado em São Tomé em 2006. ■



Ilha de Santo Antão, Cabo Verde

Mais doutores para Moçambique

A Fundação Calouste Gulbenkian, através do Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento, vai atribuir 15 bolsas para estágios científicos avançados destinados a docentes da Universidade Pedagógica de Moçambique (UPM). Os estágios serão realizados na Universidade do Minho até 2015.

A UPM, com sede em Maputo, é composta por cinco faculdades e tem cerca de 40 mil estudantes em todo o país, além de um corpo docente constituído por cerca de dois mil professores, dos quais apenas uma centena tem o grau de



Universidade do Minho

Doutor. Face à reduzida percentagem de docentes doutorados, e de modo a satisfazer as necessidades do sistema educativo de Moçambique em termos de recursos humanos qualificados, a UPM definiu como uma das suas prioridades a qualificação dos seus docentes, designadamente, através da obtenção do doutoramento.

Na UPM, é feita a formação superior de professores de todos os níveis de ensino e de outros profissionais para áreas da Educação e afins, bem como investigação e ações de extensão universitária nas suas áreas científicas. ■

Combater o cancro da mama em Cabo Verde

O Hospital Agostinho Neto, localizado na cidade da Praia, vai passar a ter um mamógrafo oferecido pelo Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento, em colaboração com a Siemens, que se responsabilizará pela montagem do equipamento e formação técnica de pessoal. Com esta aquisição pretende-se melhorar a qualidade de diagnóstico e tratamento, tentando minimizar os impactos causados pelo cancro da mama.

Em 2010, o cancro foi a terceira causa de morte em Cabo Verde e uma das quatro primeiras entre as pessoas com mais

de 50 anos. Para além disto, os cancros da mama e do colo do útero constituem as doenças mais comuns nas mulheres cabo-verdianas, salientando-se a necessidade de reforço dos serviços hospitalares para a sua prevenção e tratamento.

Atualmente, as doenças não infecciosas são, de acordo com dados da Organização Mundial de Saúde, a principal causa de morte a nível mundial (70%), com particular relevância para o cancro e para as doenças cardiovasculares, sendo os países de menor rendimento os mais afetados. ■

Tuberculose na Guiné-Bissau

O Hospital de Cumura, situado a sete quilómetros de Bissau, já tem uma Central de gases medicinais para o tratamento de doentes com tuberculose. Resultado de uma parceria entre a Fundação Gulbenkian e o Ministério

da Saúde português, a Central destina-se ao tratamento de doentes com necessidade de oxigenoterapia e procedimentos emergenciais. A tuberculose continua a ser um dos maiores problemas de saúde pública da Guiné-Bissau. ■



Prémio para investigador convidado do IGC

Gabriel Marais, investigador convidado do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) e investigador do CNRS (Centre national de la recherche scientifique, França), foi agraciado com a Medalha de Bronze do CNRS, na categoria de Genética Evolutiva e Ecologia.

Gabriel Marais investiga os mecanismos que condicionam a evolução do genoma e que levam a diferenças entre os genomas de diferentes espécies e entre regiões de um mesmo genoma. Gabriel interessa-se particularmente por um processo celular – a recombinação – que permite trocas genéticas entre os cromossomas. Para compreender melhor de que forma este processo ocorre, o investigador desenvolveu um *software* que permite calcular as frequências de recombinação que existem no genoma.

Nos últimos anos, o investigador francês tem estudado a evolução dos cromossomas sexuais para perceber como variações nas frequências de recombinação podem afetar a organização dos cromossomas. Nos humanos e noutros animais, os indivíduos de sexo feminino caracterizam-se por terem dois cromossomas X, enquanto os de sexo masculino têm um cromossoma X e um Y. No entanto, pensa-se que os cromossomas X e Y evoluíram a partir de um par idêntico de cromossomas. Hoje em dia, os dois cromossomas sexuais têm genes e tamanhos diferentes, sendo o cromossoma Y muito mais pequeno do que o X. Estima-se que ao longo da evolução o cromossoma Y tenha perdido

grande parte dos seus genes, estando a degenerar. Ao contrário do que acontece entre os dois cromossomas X, não é possível haver troca de genes entre os cromossomas X e Y. Gabriel Marais está interessado em descobrir como e porquê deixou de haver troca de genes entre os cromossomas X e Y ao longo da evolução e como é que os genes do cromossoma Y conseguem sobreviver num cromossoma que tem vindo a degenerar. O seu trabalho com a espécie de planta *Silene latifolia* revelou que, nas plantas em que os dois sexos estão separados, nas plantas masculinas o cromossoma Y também tem um tamanho mais pequeno do que o cromossoma X. O seu grupo de investigação descobriu que nestas plantas existe um fenómeno, que até então só era conhecido nos animais, chamado “compensação da dosagem genética”. Este mecanismo de compensação genética permite igualar o número de genes expressos nos indivíduos XX e XY, tendo em conta que o cromossoma Y tem um menor número de genes.

Gabriel Marais diz que uma vez que o prémio não foi atribuído em concurso e teve de competir com a seleção dos melhores em todo o país, “é uma honra e um enorme encorajamento” à progressão do seu trabalho na área da Genómica Evolutiva, uma área emergente na Biologia. Gabriel Marais regressou entretanto a Lyon (França), onde continua a desenvolver a sua investigação. ■

Escolas do Reino Unido com energia solar

Espalhar painéis solares nas escolas inglesas é o objetivo da campanha iniciada pela organização de origem britânica 10:10 (hoje representada em dezenas de países, inclusive Portugal), com o apoio da delegação da Fundação Gulbenkian em Londres – UK Branch. A 10:10 tem como lema a redução das emissões de carbono em 10 por cento por habitante e promove o uso de energias mais limpas e amigas do ambiente.

O Solar Schools começou como projeto-piloto no ano passado, oferecendo às escolas os recursos, a formação e o apoio necessários para angariar fundos destinados à instalação de painéis solares no telhado das escolas. Perante o sucesso do projeto que conseguiu instalar painéis em cinco escolas, e envolveu 436 doadores individuais, 21 doadores de empresas e mais de mil alunos preocupados com o corte das emissões de CO₂, a 10:10 decidiu avançar no mês passado com a iniciativa em mais 30 escolas do Reino Unido, com o apoio do UK Branch.

Os promotores da iniciativa querem angariar meio milhão de libras para investimento em painéis solares.

O DIGITAL AO SERVIÇO DO AMBIENTE

A 10:10 usa a criatividade digital e as redes sociais como forma de angariar fundos através de plataformas *online*. A iniciativa consiste na criação de uma página na internet



onde se oferecem células solares virtuais que podem ser “compradas” gradualmente, por cidadãos ou por empresas, e que vão completando, como num *puzzle*, o painel solar. Os sites da Web, cheios de cor, mostram imagens vídeo com crianças que apelam ao investimento numa energia mais limpa. No vídeo que apresenta a campanha, uma criança explica o projeto num minuto, dizendo que o Solar Schools ajuda as escolas a gerar a sua própria energia através da luz do Sol, mas mais do que as palavras, as imagens mostram a energia infantil posta ao serviço de uma causa que quer envolver toda a comunidade. Além da poupança nas contas da eletricidade, as escolas referem também que a iniciativa as ajuda a criar um envolvimento mais coeso com a comunidade local e com as pequenas empresas, bem como a sensibilizar as pessoas para a necessidade de corte nas emissões de carbono, criando um ambiente mais saudável.

Há ainda um incentivo extra: as escolas que conseguirem angariar mais do que os fundos necessários para os painéis podem investir o restante na criação de atividades extra-curriculares. ■

Mais informações em: www.solarschools.org.uk



Orquestra Gulbenkian no concerto comemorativo dos 50 anos © Márcia Lessa

Gonçalo M. Tavares nos programas Gulbenkian Música

Quem folhear os programas de sala dos concertos da Orquestra Gulbenkian, ao longo desta temporada, vai encontrar, logo a abrir, uma página ilustrada com pequenos textos inéditos da autoria de Gonçalo M. Tavares, um dos escritores portugueses mais reconhecidos pelos leitores e pela crítica, vencedor de vários prémios nacionais e internacionais.

Estes textos resultam de um desafio que a Fundação Gulbenkian lançou ao escritor, por ocasião dos 50 anos da Orquestra, para produzir um igual número de textos para acompanhar a atividade do agrupamento, entre outubro de 2012 e junho de 2013. Desafio aceite, este conjunto de reflexões literárias está a ser publicado ao ritmo dos concertos da Orquestra Gulbenkian, sob o título geral de *Breves Notas sobre Música*. Cada texto terá uma ilustração original da autoria de Rachel Caiano e a série completa será publicada num livro no final da temporada.

Segundo Gonçalo M. Tavares, a ideia de uma orquestra como um agregado de pessoas diferentes, vindas de mun-

dos diversos e que se juntam no mesmo espaço para tocar a mesma música é uma matéria-prima muito rica, com enormes potencialidades literárias. É aqui que estará o foco dos textos, diz o escritor, mais do que na ideia da música em abstrato.

Antecipamos aqui as notas que serão publicadas no 5.º programa da Orquestra Gulbenkian esta temporada, a realizar nos dias **8 e 9 de novembro**. Nesses dias, sob a direção do maestro francês Lionel Bringuier, serão tocadas duas obras do compositor finlandês Jean Sibelius – a Sinfonia n.º 2 e *O Cisne de Tuonela* – e ainda uma peça do compositor residente desta temporada, Marc-André Dalbavie. Deste autor, discípulo de Pierre Boulez, será dado a ouvir o Concerto para Flauta e Orquestra com a solista Sophie Perrier. ■

www.musica.gulbenkian.pt

Breves notas sobre Música | 5

GONÇALO M. TAVARES

Moral sonora

Diz-me para onde olhas, dir-te-ei a tua moral. Pois sim, mas a moral depende também da boa utilização da audição. Diz-me o que ouves, dir-te-ei qual a tua moral.

Que frases ouves, a que frases dás atenção. Que música escutas, a que música dás atenção. Ouvir é uma forma subtil de virar o nosso corpo para um lado. Se ouço o som que vem da minha direita, mesmo que eu não vire o meu corpo para a minha direita, o meu corpo já está inclinado mentalmente para o meu lado direito.

Poderemos dizer: se alguém fala muito alto ao meu lado direito e alguém, ao mesmo tempo, fala muito baixo ao meu lado esquerdo eu sou obrigado a escutar mais o meu lado direito. Podemos dizer isto, sim, mas talvez não seja verdade.

É que se lhe deres mais atenção, conseguirás ouvir esse som que está num volume exterior mais baixo. Decidir a que som dar atenção é, afinal, decidir a que volume se vai colocar as diferentes partes do mundo. É uma decisão importante.

Decisão e dois tipos de volume

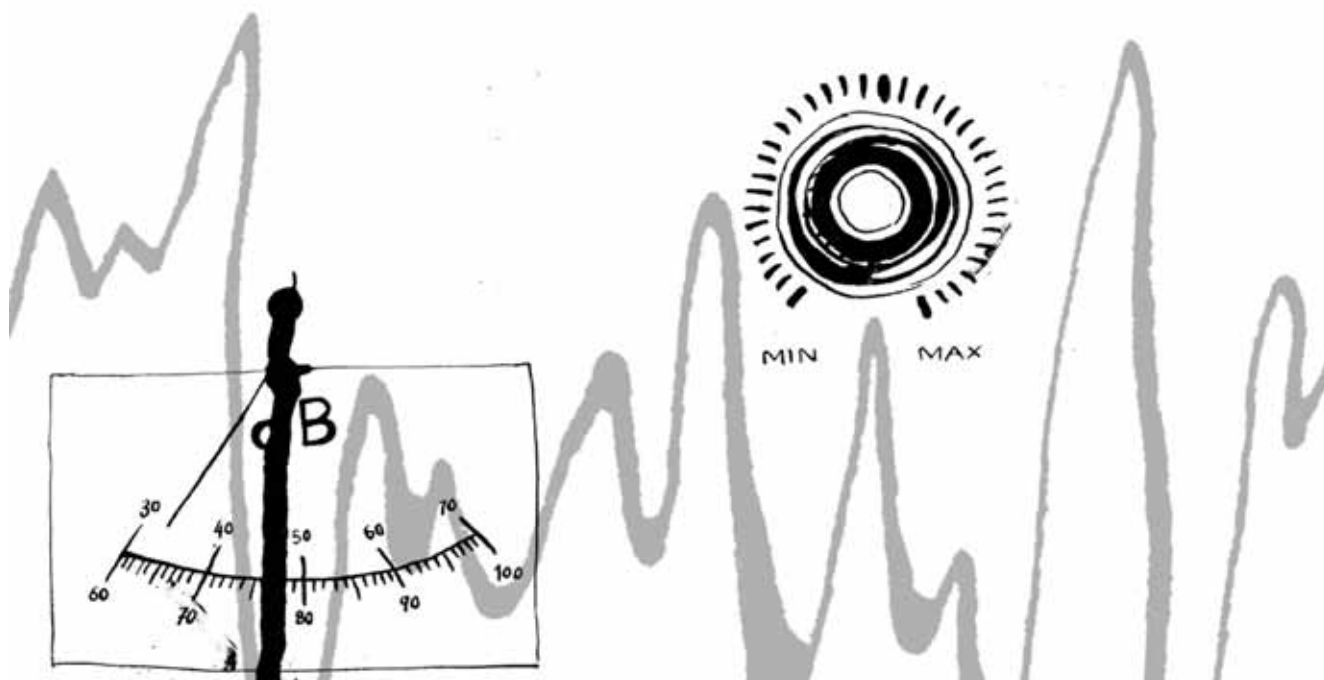
Poderemos assim pensar que há dois tipos de volume – o volume externo do som, facilmente mensurável por aparelhos bem conhecidos, e ainda o volume interno do som. Dar atenção a um lado ou dar atenção ao lado oposto é a forma que o humano mortal tem de decidir sobre o volume dos sons do mundo.

Porque ouvir é uma escolha, é uma decisão, não é uma passividade. Por vezes estamos num sítio e, sem querer, ouvimos algo. Porém, estar num sítio onde se fala de determinados assuntos é já resultado de uma decisão (ter decidido ir para aquele local). Ao decidir ir para ali, decidi ouvir o que normalmente se ouve ali, naquele sítio.

Noventa por cento do que ouvimos é, portanto, resultado de uma decisão pragmática: quero ouvir isto.

Alguém que decide que quer ouvir música clássica aproxima-se de uma gravação ou de um auditório (à hora certa).

Alguém que decide que quer ouvir uma betoneira em funcionamento aproxima-se do espaço de uma obra em construção e concentra-se na escuta do barulho da betoneira. O que ouvimos é também, então, uma decisão moral.



Reprodução do texto de Gonçalo M. Tavares, a ser publicado no programa de 8 e 9 de novembro

Prémio Vilalva 2012



As candidaturas ao Prémio Vilalva podem ser apresentadas até ao dia **30 de novembro**. Este prémio, no valor de 50 mil euros, foi criado em homenagem ao filantropo Vasco Vilalva e distingue, anualmente, um projeto de intervenção exemplar no âmbito do património. O Prémio Vilalva para a Recuperação e Valorização do Património não inclui iniciativas tuteladas pelo Estado. Desde 2008, já foram premiados o projeto de Tratamento e Divulgação da Biblioteca da Casa Sabugosa e São Lourenço, os projetos Monumentos Vivos e Festival Terras sem Sombra de Música Sacra do Baixo Alentejo e a Recuperação e valorização das ruínas romanas da cidade de Ammaia (Marvão). Nos últimos dois anos, o Prémio foi entregue à Irmandade do Santíssimo Sacramento pela ação desenvolvida na recuperação e valorização da Igreja do Sacramento, em Lisboa, e ao ateliê José Adrião Arquitetos pela recuperação de um edifício na Baixa pombalina (na fotografia). ■

Competição europeia para a inovação social

A Comissão Europeia lançou no dia 1 de outubro, na Fundação Gulbenkian, a European Social Innovation Competition, em memória de Diogo Vasconcelos. O presidente da Comissão, Durão Barroso, anunciou que em maio do próximo ano serão atribuídos três prémios no valor de 20 mil euros aos vencedores. Este repto dirigido a todos os europeus visa, numa altura em que o flagelo do desemprego se propaga pelo Velho Continente, premiar as mais fortes propostas de inovação social para a criação de novos e melhores empregos. Os concorrentes semifinalistas e finalistas beneficiarão também de um programa de nove meses que os ajudará a transformar as suas ideias em negócios sustentáveis. Esta competição enquadra-se na aposta que a Comissão tem vindo a fazer na inovação social, vista como uma poderosa ferramenta para a resolução de inúmeros problemas que assolam as sociedades europeias.

Diogo Vasconcelos, a cuja memória esta competição foi dedicada, foi um apaixonado impulsionador da inovação social no espaço europeu. Apresentado como “pessoa de extraordinária energia e carisma”, Vasconcelos foi considerado por Durão Barroso como um defensor da capacitação das pessoas. O homem que sustentava que “a inovação não é um luxo, mas uma necessidade” tinha uma ligação estreita à Fundação Gulbenkian, da qual era consultor, além de ter integrado o júri da iniciativa FAZ – Ideias de Origem Portuguesa. ■

360º – Ciência Descoberta

Em fevereiro do próximo ano, a Fundação Gulbenkian apresentará uma exposição sobre a ciência ibérica na época dos descobrimentos, mostrando os desenvolvimentos científicos e técnicos associados às grandes viagens oceânicas de Portugueses e Espanhóis, nos séculos XV e XVI, e o impacto que tiveram na ciência europeia.

360º Ciência Descoberta procurará mostrar os diversos fatores que modelaram as ideias e as práticas dos ibéricos nesse período – o fascínio com as novidades do mundo natural americano e asiático, a crítica do saber antigo, o estabelecimento de novas práticas empíricas, a disseminação de conceitos científicos pelos estratos menos instruídos da sociedade, os melhoramentos técnicos, os processos e as instituições de acumulação e gestão de novos conhecimentos – e como estes aspetos desempenharam um papel significativo no nascimento da modernidade científica europeia.

A exposição terá início a 28 de fevereiro de 2013 e estará patente até junho. ■

Festa dos Livros 2012

As publicações da Fundação Gulbenkian voltam a estar em destaque na Festa dos Livros Gulbenkian 2012, entre os dias **29 de novembro e 23 de dezembro**, na loja do Museu e na livraria da Sede.

De terça-feira a domingo, entre as 10h e as 20h, podem ser encontradas edições da Fundação Gulbenkian a preços especiais. À semelhança dos anos anteriores, serão também apresentadas algumas obras que marcaram o ano editorial, como o catálogo da exposição *As Idades do Mar*; o livro *Varia*, que reúne as intervenções de Emilio Rui Vilar; *Arte Poética*, de Horácio, e *Textos Filosóficos*, de Marco Túlio Cícero; *Teoria do Desenvolvimento Económico*, de Joseph Schumpeter; e o CD comemorativo dos 50 anos da Orquestra Gulbenkian. ■



Compreender o mundo contemporâneo



A Delegação em França da Fundação Gulbenkian tem uma nova parceria com o Collège d'études mondiales – Fondation Maison des sciences de l'homme, que começa a dar frutos ainda este ano, com três conferências que se destacam na programação de novembro e dezembro do Centro em Paris.

Para esta série de conferências, que terá continuidade em 2013, os oradores convidados são: Ibrahima Thioub (8 de novembro), professor de História na Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar e uma das vozes mais originais e consistentes nos debates contemporâneos sobre o lugar de África no mundo; Michel Foucher (28 de novembro), geógrafo e diplomata; e, finalmente, François Jullien (5 de dezembro), professor na Universidade Paris Diderot e uma das figuras mais importantes da filosofia contemporânea francesa.

Com um papel de relevo no universo da investigação em França, a Fondation Maison des sciences de l'homme foi criada nos anos 60 com o objetivo de promover a “compreensão sem dogmatismos” do mundo contemporâneo, em toda a sua complexidade. ■

A filosofia de Foucault com imagens portuguesas

O número mais recente da revista *Rue Descartes*, edição do Collège international de philosophie de Paris, apresenta diversas imagens de obras de arte pertencentes à coleção do Centro de Arte Moderna. Na capa, figura uma fotografia de Daniel Blaufuks intitulada “I spy”, e, no interior, constam reproduções de obras de Antony Gormley, Armando Alves, Sérgio Pombo, João Cristino da Silva, John Kelly, José de Almada Negreiros, Jorge Molder e Eduardo Nery.

Este número, consagrado às tendências atuais da reflexão filosófica sobre o ser humano, é coordenado por Diogo Sardinha, diretor do programa de investigação Violência e Política, no Collège international de philosophie e antigo bolsheiro de doutoramento da Fundação Gulbenkian. Sob o título *L'homme après sa mort, Kant après Foucault*, a edição reúne contribuições de uma dezena de autores de sete países, a partir de um livro do filósofo francês Michel Foucault, *Introdução à Antropologia de Kant*, editado em Paris em 2008, depois de ter permanecido inédito durante quase cinquenta anos.

A revista é publicada trimestralmente em língua francesa e pode ser lida em www.ruedescartes.org. ■



Marcelino Sambé | 18 anos | Dança *

“Comecei a dançar ao som dos ritmos africanos”

No início de 2010, a Royal Ballet School de Londres, uma das academias de dança mais conceituadas do mundo, contactou a Fundação Gulbenkian solicitando apoio para dois jovens bailarinos portugueses de grande talento, formados na Escola de Dança do Conservatório Nacional de Lisboa, mas com poucos recursos para completar a sua formação. Eram eles Mariana Rodrigues, de 17 anos, na altura já a frequentar o 1.º ano na Royal Ballet School, e Marcelino Sambé, de 15, acabado de ser convidado para integrar o corpo de alunos da academia britânica, mas sem meios para dar esse passo. A Fundação decidiu conceder uma bolsa de estudo aos dois jovens, permitindo a Mariana prosseguir a formação e a Marcelino matricular-se naquela escola. Dois anos depois, Mariana Rodrigues dança no Northern Ballet Theatre, em Leeds, e Marcelino Sambé, iniciou o terceiro e último ano na Royal Ballet School.

Filho de mãe portuguesa e pai guineense, Marcelino Sambé tem colecionado prémios em concursos internacionais e foi

escolhido no verão passado para representar a Royal Ballet School na Gala Internacional da Academia de Dança, de Veneza, organizada pelo Teatro La Fenice. Os relatórios repletos de elogios que a Fundação recebe regularmente desta prestigiada escola britânica de dança fazem crer que estamos, verdadeiramente, perante uma estrela em ascensão. Um percurso que iremos seguir com atenção.

QUANDO NASCEU A PAIXÃO PELA DANÇA?

A minha paixão pela dança começou quando eu era muito pequenino, tinha pouco mais de cinco anos. Cresci num ambiente onde os ritmos africanos eram constantes, não só em festas como no dia-a-dia, em casa. Dançar surgiu naturalmente ao som destes ritmos.

Nasci em Paço d'Arcos onde frequentei a escola do Alto da Loba, um bairro com muitos emigrantes africanos, entre eles o meu pai que veio da Guiné. O centro comunitário do Alto da Loba foi um grande impulso, pois foi lá que comecei a dançar num grupo chamado “Estrelinhas Africanas”.

E DAÍ COMO CHEGOU À ESCOLA DE DANÇA DO CONSERVATÓRIO?

Uma psicóloga do Centro Comunitário do Alto da Loba, que sempre acreditou na minha vocação para a dança, sugeriu que fosse a uma audição na escola de dança do Conservatório Nacional. Nunca irei esquecer esse momento. Tinha apenas nove anos e não fazia ideia que a audição seria baseada em dança clássica, mas acabei por usar a minha aptidão para dança africana e tudo acabou por correr bem! Nos primeiros tempos da Escola de Dança contei muito com a ajuda do meu colega Telmo Moreira que me “guiou” e me ensinou muito sobre esta arte da dança.

COMO SURTIU A ROYAL BALLET SCHOOL?

No Conservatório Nacional houve uma grande aposta em mim no que diz respeito a concursos internacionais. Num desses concursos, o Prix de Lausanne 2010, estava lá a diretora do Royal Ballet School, como membro do júri, e que me propôs que fosse para a sua escola que era onde eu mais queria estudar. No início senti-me um pouco só, mas muito contente por estar numa escola tão conceituada. Foi difícil, mas passados alguns meses já me sentia mais em “casa”.

COMO TEM SIDO A SUA APRENDIZAGEM?

Acho que tem sido notável. Desde que aqui cheguei sinto que todos os dias aprendo algo novo, e esta escola desperdou algo novo em mim: o prazer de coreografar. Dançar com a Royal Ballet também tem sido fantástico, pois dá-me a oportunidade única de estar no mesmo estúdio com grandes bailarinos como Carlos Acosta ou Tamar Rojo. O horário é muito cansativo, mas cheio de atividades como a coreografia que é um dos projetos de vida para depois da minha carreira como bailarino profissional. Normalmente, começamos de manhã com uma aula de ballet clássico, depois temos *pas de deux* (uma aula onde rapazes e raparigas trabalham juntos), e à tarde temos vários ensaios com coreógrafos de todo o mundo, até por volta das seis e meia. Muitas vezes temos espetáculos com a companhia, que acabam normalmente às dez da noite. É difícil, mas “quem corre por gosto não cansa”.

TEM COLECIONADO MUITOS PRÉMIOS...

Nos seis anos que estive no Conservatório Nacional, tive a oportunidade de participar em vários concursos internacionais onde obtive vários prémios, entre os quais o Concurso Internacional de Pequim, 2008 (1º lugar de interpretação); o Concurso Tanzolymp de Berlim, 2009 (Gran prix); o Youth American Grand Prix (International Student Ballet and Contemporary Dance Scholarship Competition), EUA, (1º Prémio, Medalha de Ouro); o Concurso Internacional de Ballet de Moscovo, 2009 (Medalha de prata) e o International Ballet Competition Jackson Mississippi, EUA, categoria júnior, 2010 (Medalha de Ouro). Este último foi o



Bridge of Aspiration, a ponte que liga os edifícios da Royal Ballet School e da Royal Opera House, em Londres.

prémio que mais me marcou porque representou o fim de um ciclo da minha vida de que guardo boas memórias e também por ter sido a minha última competição como aluno de uma escola em Portugal.

É PARA ALÉM DESTES PRÉMIOS HÁ ALGUM MOMENTO ESPECIAL QUE QUEIRA DESTACAR?

Sim, houve vários momentos marcantes, mas um que se destaca foi ter tido a oportunidade de dançar no palco do Covent Garden, Royal Opera House, onde interpretei papéis principais em duas peças de coreógrafos conceituados no mundo da dança: “Yondering” de John Neumier e “Simple symphony” de Alistar Marriot. Outro foi quando recebi a carta de confirmação de que iria estudar em Londres na Royal Ballet School.

Mas todos os dias quando acordo é um momento especial porque sei que vou poder fazer o que mais gosto até à noite: dançar. A verdade é que nem toda a gente tem a possibilidade de fazer, como eu, o que realmente gosta.

E COMO É VIVER EM LONDRES?

Viver em Londres tem sido uma experiência fantástica. Há tanto para fazer, tanto para ver! É uma cidade de sonho e estudar numa das melhores escolas do mundo também tem sido maravilhoso. Viver em Covent Garden também é ótimo, porque estou a três passos da escola. Depois de um dia cansativo é sempre bom saber que estamos perto de casa. Quando tenho tempo, o que é raro, adoro ir ver peças de teatro ou musicais. ■

** Bolseiro da Fundação Gulbenkian na Royal Ballet School de Londres*



Requiem

Por António Pinho Vargas

(Obra encomendada pela Fundação Gulbenkian que será apresentada em estreia mundial no dia 21 de novembro, no Grande Auditório)

Esta obra decorre de uma proposta que apresentei ao Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian em 2009, solicitando uma encomenda que me permitisse dar continuidade à oratória *Judas (secundum Lucam, Joannem, Matthaeum et Marcum)*, uma encomenda do Festival de Música Sacra de Viana do Castelo, onde foi estreada em 2002 pelo Coro e Orquestra Gulbenkian, dirigidos por Fernando Eldoro, que a voltou a apresentar no Grande Auditório em maio de 2004. Estes concertos mantêm-se na minha memória como inesquecíveis. O compositor faz o seu trabalho com o máximo empenho, mas cabe aos cantores e aos músicos dar-lhes *realidade*, transformar aquele conjunto de signos escritos na partitura no evento sonoro que é dado à percepção sensível dos ouvintes. Uma partitura, por si só, nunca é inesquecível. Essa qualidade só pode ser atribuída a uma obra quando se verificar o momento de *mediação* – o concerto –, efetuado pela realização dos músicos. Aqueles foram sempre excecionais. Uma vez confirmada a encomenda, decidi, mais tarde, que esta nova obra seria um *requiem*.

Escrever um *requiem* é, em primeiro lugar, dar uma “resposta” particular a uma história de numerosas obras musicais do passado, umas conhecidas de todos, outras – serão centenas – hoje desconhecidas. Em segundo lugar, é tratar um texto litúrgico pertencente à nossa tradição ocidental cristã, mas cujo significado mais profundo remete para aquele momento em que os homens primitivos começam a dar sepultura aos seus mortos, momento que os arqueólogos identificam como sendo o início, ainda pré-histórico, do longo percurso do ser humano a caminho da consciência de si.

Colocadas as questões nestes termos, isto é, num sentido mais amplo do que a história da música, ou mesmo da cristandade, a questão central do texto da missa dos mortos – o *requiem* é uma *missa defunctorum* – é talvez passível de ser descrita com uma só frase: “Deus, acolhe no teu seio aqueles que morreram.” Não há nada mais universal para a humanidade do que a sequência inelutável nascimento, vida, morte. Mas um compositor, uma vez decidido a compor um *requiem*, tem tarefas menos transcendentais, mas igualmente necessárias. A primeira é verificar os diversos tipos de seleção do longo texto que os compositores fizeram no passado relativamente ao estabelecimento do seu texto particular. Há numerosas variantes entre muitas das obras existentes. Fiz a minha escolha de acordo com as ressonâncias que as minhas memórias, de vária natureza, convidaram a selecionar, dentre os vários textos existentes na liturgia. Depois, durante o ato compositivo, como sempre acontece perante um texto, certas secções dele adquirem, durante o trabalho da composição, diferentes graus de importância quer no quadro formal, quer na duração geral.

Se, hoje em dia, já quase ninguém reclama um plano prévio rígido como sendo indispensável, pelo contrário, devo sublinhar que aquilo que nunca se pode dispensar é o trabalho de escolha, de medida, de criticismo, de consideração de alternativas, de nova escolha, de verificação das proporções internas e da retórica expressiva finalmente existente, tanto no uso do texto em si, como no discurso musical resultante. Este é o trabalho do *fazer* do objeto artístico. Nele reside o essencial do trabalho do compositor e da inerente reflexão humana sobre a *finitude* que uma obra desta natureza coloca no centro e, como ponto prévio, do desejo criativo. ■



Maggie Taylor, Always Tea Time © FCG

em novembro | dezembro



Friedrich, *Rochedo junto à Praia* © Staatliche Kunsthalle Karlsruhe

As Idades do Mar

A exposição que o Museu Calouste Gulbenkian apresenta na Sala de Exposições Temporárias de Sede, *As Idades do Mar*, junta mais de uma centena de obras de grandes nomes da pintura europeia, percorrendo um arco temporal de quatro séculos.

Um conjunto de peças da coleção do Museu Gulbenkian de artistas como **Francesco Guardi, J. M. W. Turner, Eugène Boudin, Claude Monet e Jacob van Ruisdael** constituiu o núcleo inicial, que rapidamente se estendeu a mais de uma centena de obras de 50 instituições nacionais e estrangeiras, incluindo nomes como **Gaspar Friedrich, Jean-Auguste Dominique Ingres, Arnold Böcklin, John Constable, Claude Lorrain, Gustave Courbet, Paul Klee, Raoul Dufy, Giorgio de Chirico, Édouard Manet** ou **Jan van Goyen**, e ainda **Amadeo de Sousa-Cardozo, Vieira da Silva, Sousa Lopes, Noronha da Costa, António Carneiro** ou **João Vaz**.

João Castel-Branco Pereira, diretor do museu e curador da mostra, afirma que, para estruturar este projeto, se deixou envolver pela imagem multifacetada e poética do mar, não pelo facto de Portugal ser um lugar privilegiado para tal reflexão, mas por acreditar que o mar gera atitudes de melancolia e desejo de viagem, que são mecanismos universais de comunicação.

Centrada na Europa Ocidental, a exposição evoca o papel que o mar desempenhou na vida dos homens, ao longo dos tempos. O conjunto de obras que é dado a ver pode ser considerado eclético, pela diversidade de temas, estéticas e tempos históricos, mas ganha coesão ao estruturar-se em seis núcleos temáticos: A Idade dos Mitos, A Idade do Poder, A Idade do Trabalho, A Idade das Tormentas, A Idade Efémera e a Idade Infinita. Para cada um destes núcleos, foram pedidos textos específicos a autores com diferentes territórios de investigação, como Dominique Lobstein, Francisco Contente Domingues, Mariana Castro Henriques, Pierre Ickowicz e Caroline Mathieu.

A exposição foi possível graças à generosidade de numerosos empreendedores públicos e privados e ao suporte institucional do Museu d'Orsay, por decisão do seu presidente e diretor, Guy Cogeval, com a participação ativa de Caroline Mathieu, conservadora principal deste museu. Mais de uma dezena de obras provém deste museu.

A enquadrar a exposição, haverá um pequeno ciclo de conferências em torno da iconografia do mar na azulejaria, na tapeçaria e na pintura (programa na pág. seguinte). ■



Turner, *Naufração de um Cargueiro* © M.C. Gulbenkian



Malhoa, *Dois Artistas pintando à Beira-mar* (pormenor) © Col part. M^a João Brito

AS IDADES DO MAR
ATÉ 27 JANEIRO 2013
Edifício Sede

VISITAS GUIADAS:
3, 10, 17 E 24 NOVEMBRO

CONFERÊNCIAS
AUDITÓRIO 3 - 18H | ENTRADA LIVRE

5 DE NOVEMBRO
DEUSES NO MAR E NA ARTE: DO RAPTO DE EUROPA À
LIBERTAÇÃO DE ANDRÓMEDA
Ana Paula Correia (ESAD, Fundação Ricardo Espírito Santo Silva
e FCSH-UNL)

12 DE NOVEMBRO
DA LINHA DO HORIZONTE À PAISAGEM. EVOLUÇÃO DA
TAPEÇARIA NAS COLEÇÕES ESPANHOLAS
Concha Herrero Carretero (Patrimonio Nacional, Madrid)

26 DE NOVEMBRO
A PAISAGEM MARÍTIMA NO SÉCULO XIX
Caroline Mathieu (Musée d'Orsay, Paris)



Vladimir Clavijo, *Chá para Alice* © FCG

Alice no país das ilustrações

Celebrar a figura central do clássico de Lewis Carroll através de algumas das mais sugestivas ilustrações contemporâneas é o propósito da exposição *Um Chá para Alice* que a Fundação apresenta na sala de Exposições Temporárias (piso 01).

A exposição reúne uma centena de originais de alguns dos melhores ilustradores contemporâneos – 21 autores de 15 países –, que apresentam o seu olhar único sobre uma obra que sempre constituiu uma inesgotável fonte de inspiração para artistas de todo o mundo: *Alice no País das Maravilhas*.

A mostra foi estreada este verão no Story Museum, em Oxford, cidade que viu nascer há 150 anos esta narrativa, tornando-se, pouco a pouco, um dos contos mais universais e intemporais de sempre, hoje traduzido para mais de uma centena de idiomas.

Imaginada por Ju Godinho e Eduardo Filipe, e apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, a exposição propõe mostrar várias representações visuais contemporâneas deste conto, que teve como primeiro ilustrador o próprio Lewis Carroll, que encheu o manuscrito original de desenhos, inspirando, em 1885, as magníficas ilustrações a preto e branco de John Tenniel, publicadas com a 1.ª edição. Em 1907, Sir Arthur Rackham, talvez o expoente máximo da ilustração clássica inglesa, publica a primeira versão a cores. A partir daí, sucederam-se as mais diversas ilustrações até aos nossos dias. Algumas das mais notáveis podem ser agora vistas na Fundação até 10 de fevereiro.

O eixo central da exposição, que confere o título e o tema do catálogo, é o emblemático episódio do chá do Chapeleiro Maluco e da Lebre de Março, que inspirou ilustrações tão diversas quantos os autores presentes, e que serão mostra-



Anthony Browne, *Chá para Alice* © FCG



Lisbeth Zwerger, *Chá para Alice* © FCG

das em mesas desenhadas para o efeito. Serão, ao todo, 21 mesas – uma por cada ilustrador – com formas e alturas distintas, formando uma espécie de “lagarta louca”, onde todas as ilustrações estarão expostas.

Os artistas representados são Alain Gauthier, Lucie Laroche, Nicole Claveloux e Rebecca Dautrement (França), Anthony Browne, Helen Oxenbury e John Vernon Lord (Reino Unido), Chiara Carrer e Lisa Nanni (Itália), Anne Herbauts (Bélgica), Dusan Kallay (Eslováquia), Iban Barrenetxea (Espanha), Joanna Concejo (Polónia), Klaus Ensikat (Alemanha), Lisbeth Zwerger (Áustria), Maggie Taylor (EUA), Narges Mohammadi (Irão), Nelson Cruz (Brasil), Suzy Lee (Coreia do Sul), Teresa Lima (Portugal) e Vladimir Clavijo (Rússia). As imagens de cada um deles transportam o espectador para uma dimensão paralela ao texto, uma dimensão visual feita de cores, formas, texturas e relações volumétricas. Através da visão e da arte de cada artista, o público é levado a revisitar episódios e personagens, a comparar estilos, escolas e técnicas, a reconhecer influências culturais e a descobrir novas interpretações.

A enquadrar a exposição, as paredes da sala vão ostentar algumas frases retiradas do livro, de modo a estabelecer uma ponte entre as duas dimensões – texto e imagem.

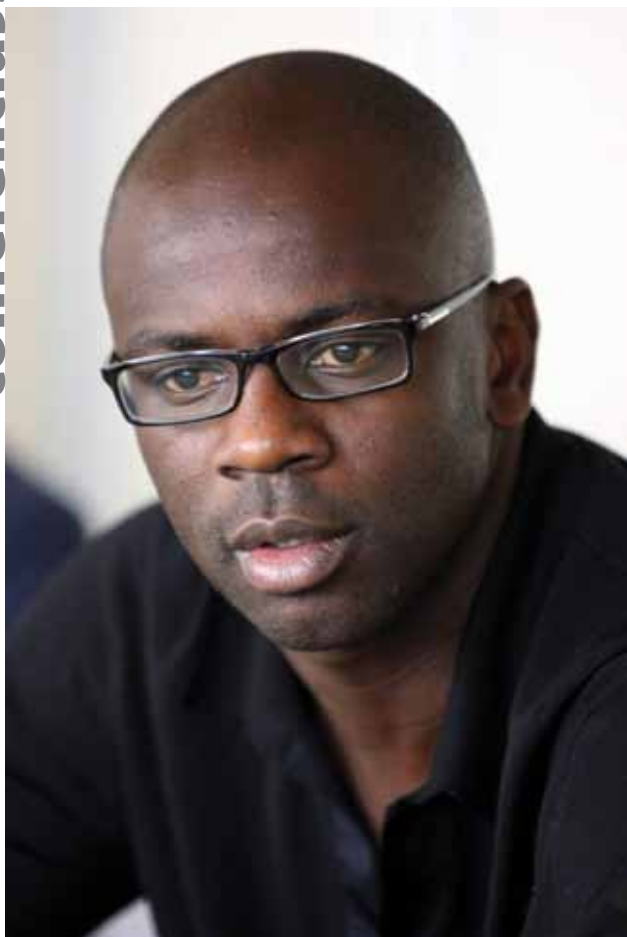
Barbara Scharioth, reconhecida especialista em literatura infantil e diretora da Biblioteca Internacional Infantil de Munique diz, tal como Virginia Woolf, que o segredo para este manancial de novas criações pictóricas inspiradas pela obra de Lewis Carroll reside no facto de se tratar do único livro no qual, verdadeiramente, nos tornamos crianças.

A estreita colaboração com a Biblioteca de Munique permite incluir nesta mostra um grande número de edições antigas e modernas deste conto que podem ser consultadas pelo público. ■

UM CHÁ PARA ALICE

ATÉ 10 FEVEREIRO 2013

Edifício Sede – Entrada livre



Lilian Thuram

A luta contra o racismo

O antigo internacional de futebol Lilian Thuram vai estar na Fundação Gulbenkian no dia **15 de novembro**, a convite do Programa Próximo Futuro, para apresentar o trabalho da instituição que criou em 2008, a Fondation Lilian Thuram: Éducation contre le racisme.

Numa conversa moderada pela jornalista Cecília Carmo, o ex-jogador da seleção francesa, nascido em Guadalupe, em 1972, vai falar-nos do racismo enquanto construção intelectual e, sobretudo, política, que tem condicionado a Humanidade ao longo de gerações, distinguindo entre negros, brancos, magrebinos ou asiáticos. Thuram defende que ninguém nasce racista e que é a conjuntura social que torna as pessoas racistas.

Com uma comissão científica vasta e variada que inclui sociólogos, psicólogos, filósofos, historiadores dos direitos do homem e geneticistas, entre muitos outros especialistas, a Fundação Educação Contra o Racismo é presidida pelo próprio Thuram.

Entre os vários projetos e atividades que esta Fundação tem desenvolvido, destaca-se a recente exposição *Exibições*,

a invenção do selvagem, no Musée du quai Branly, em Paris, que recebeu mais de 250 mil visitantes. Recorrendo a uma variedade de suportes, como a pintura, a escultura, cartazes, postais, filmes e fotografias, a exposição percorria a história dos homens, mulheres e crianças que, desde o século XVI até meados do século XX, eram recrutados ou trazidos de lugares exóticos para serem exibidos no Ocidente, em espetáculos de circo ou feiras, um fenómeno que influenciou profundamente a forma como apreendemos o Outro.

Depois da apresentação, segue-se um debate com o público sobre as várias formas de racismo. As intervenções terão tradução simultânea e podem ser acompanhadas *online* em www.gulbenkian.pt. ■

FUNDAÇÃO LILIAN THURAM: EDUCAÇÃO CONTRA O RACISMO
15 DE NOVEMBRO, 18H30
Auditório 2 – Entrada livre



Imagem do filme *Mascarades* (Argélia)

África e os *media*

A 3.^a edição do Observatório de África e da América Latina, outra iniciativa do Próximo Futuro, realiza-se a **24 de novembro**. Desta vez o tema incide na forma como os *media* tratam a informação sobre África, onde tende a predominar uma visão de “história única” de que nos fala a nigeriana Chimamanda Adichie. Organizado em colaboração com a ACEP (Associação para a Cooperação entre os Povos), este Observatório procurará ser um espaço de múltiplas histórias que questionam velhos estereótipos, pondo em contacto diferentes abordagens e novos projetos.

Com coordenação de Fátima Proença, diretora da ACEP, participam neste encontro Elisio Macamo (Centro de Estudos Africanos, Universidade de Basileia), José Gonçalves (Instituto de Estudos Estratégicos, Universidade Federal Fluminense), Katia Anguelova (codiretora da Kunstverein, Milão), Lola Huete Machado (jornalista do *El País* e criadora do blogue “África no es un país”) e Sofiane Hadjadj (cofundador das Edições Barzakh, Argélia). A abertura do encontro será feita por António Pinto Ribeiro, programador do Próximo Futuro, que falará do jornalista polaco Richard Kapuscinski (1932-2007) e do seu trabalho pioneiro sobre África, iniciado no final da década de 50. ■

O TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO SOBRE ÁFRICA PELOS *media*
24 DE NOVEMBRO, 10H ÀS 18H
Auditório 3 - Entrada livre



Bissau, 2011 © Ana Filipa Olivera (ACEP)

CICLO DE CINEMA

Nos dias **23 e 24 de novembro**, a partir das 18h30, vai ser exibida no Auditório 3 uma seleção de filmes do ciclo de cinema árabe “Em Transição”, realizados na última década e que o Próximo Futuro apresentou em junho e julho deste ano, no Anfiteatro ao ar livre. Fazem parte desta seleção duas curtas de ficção, do Egito (*Atef*) e da Argélia (*Com os Pés Assentes na Terra*), e duas longas-metragens, da Tunísia (*Khorma, Filho do Cemitério*) e uma coprodução franco-argelina (*Mascarades*).

O ciclo de cinema tem entrada livre e os filmes são legendados em português.

A Matemática, o Universo e tudo o resto

As últimas conferências do ciclo Matemática, a Ciência da Natureza chegam no final deste ano. Na despedida, falar-se-á do mais famoso problema na área da Geometria e de como a Matemática, muito mais do que tratar de números, trata acima de tudo de ideias, que continuarão a ser fundamentais para transformar a nossa maneira de estar no mundo.

A **14 de novembro**, André Neves, professor do Departamento de Matemática Pura do Imperial College (Londres), traz à Fundação a conferência “Trigamia Intelectual: Poincaré, Hamilton e Perelman” para falar de um dos maiores acontecimentos matemáticos dos últimos 20 anos: a demonstração da Conjetura de Poincaré. O problema estava por resolver há mais de um século e nesta palestra André Neves vai explicar, de forma acessível, as ideias principais que levaram à sua demonstração, há bem pouco tempo, graças à genialidade do matemático russo Grigori Perelman, com base num trabalho anterior de Richard Hamilton.

A **12 de dezembro**, chega a última conferência deste ciclo com o tema “A Matemática, o Universo e tudo o Resto”. O orador é Jorge Buescu, da Universidade de Lisboa, que, para além do seu trabalho de investigação científica, sempre teve o prazer de comunicar as ideias da Matemática. Nesta conferência vai falar do aparente equívoco que é a ausência da Matemática no nosso quotidiano. “Ninguém precisa de resolver uma equação para falar ao telefone, ouvir um CD, trabalhar com o computador ou pesquisar a internet”, diz Jorge Buescu. No entanto, “todo este admirável mundo novo seria impossível sem matemática sofisticada e muitíssimo avançada.” Parafrazeando Douglas Adams, “a Matemática molda a forma como olhamos para a Vida, o Universo e tudo o resto”.

As conferências realizam-se sempre no Auditório 2, às 18h, com entrada livre. Quem não puder deslocar-se à Fundação, pode sempre acompanhar as intervenções em direto pela internet em www.gulbenkian.pt. ■

Em nome das artes ou em nome dos públicos?

A mediação cultural vai ser o tema em foco na terceira edição da conferência internacional *Em nome das artes ou em nome dos públicos?*, a realizar na Fundação Calouste Gulbenkian entre os dias **12 e 14 de novembro**.

Vários especialistas nacionais e internacionais vão refletir em conjunto sobre a questão, numa altura em que, um pouco por todo o mundo, na esfera da arte contemporânea e da museologia, a mediação cultural se faz anunciar como um conceito autónomo, dispondo de uma metodologia distinta, coadjuvante das práticas promovidas por serviços educativos e educadores de museus e espaços culturais.

É em torno do termo a utilizar para definir os profissionais que promovem a participação dos públicos que vão centrar-se as discussões desta iniciativa, promovida pelo Serviço Educativo da Culturgest e pelo Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência.

A conferência inicia-se em torno do programa educativo da Dokumenta de Kassel por Julia Moritz, diretora da Maybe Education, um grupo de trabalho constituído por pessoas

do campo das artes e por membros da sociedade civil de Kassel, que tem vindo a questionar os modos de apresentação e comunicação do conhecimento artístico, perante a impossibilidade de reduzir a arte a uma explicação simples ou a um paradigma. A apresentação será comentada por Maria Acaso Lopez-Bosch.

A esta conferência de abertura seguem-se mais três apresentações, a cargo de Maria Lind, Nora Sternfeld e Shirley Apthorp, com comentários, respetivamente, de Sofia Vitorino, Kaija Kaitavuori e Rui Vieira Nery.

Ao longo dos três dias do evento, serão constituídos cinco grupos de trabalho coordenados por Elvira Leite, Jorge da Costa, Sara Franqueira, Sofia Vitorino e Susana Alves. As principais conclusões serão apresentadas publicamente no último dia do colóquio. A síntese final dos trabalhos estará a cargo de André e Teodósio e Maria Vlachou.

A participação requer inscrição prévia. ■

Mais informações: www.culturgest.pt



O Futuro da Alimentação – Fim de ciclo

O ciclo de conferências sobre o Futuro da Alimentação chega ao fim com duas conferências agendadas para **5 de novembro** e **13 de dezembro**. Na última sessão, no dia 13, será feita a apresentação das conclusões do trabalho desenvolvido desde março deste ano e que não deixará de sugerir novas formas de atuação aos decisores políticos, às organizações e aos cidadãos. Nesta sessão intitulada **Alimentação, Cultura e Ética**, estarão em destaque aspetos do direito fundamental da alimentação associada à segurança alimentar e à sustentabilidade. A dimensão cultural da dieta alimentar terá um enfoque particular na dieta mediterrânica, enquanto herança patrimonial e cultural, classificada pela UNESCO como Património Imaterial da Humanidade. No mesmo dia, pelas 15h, haverá ainda um *workshop* aberto ao público sobre **Desperdício Alimentar** em Portugal, que enquadrará casos de sucesso em projetos de prevenção do desperdício alimentar. A **5 de novembro**, o tema é **Alimentação, Agricultura e Ambiente**. David Baldock, diretor do Instituto de Políticas Ambientais Europeias, abordará a sustentabilidade da agricultura para a Europa, tendo em conta dados oficiais disponíveis e as políticas públicas, e José Lima Santos, comissário deste ciclo, questionará o papel das novas tecnologias e das políticas públicas na agricultura e no ambiente.

As conferências realizam-se às 18h, no Auditório, 2 e são de entrada livre.

Neste ciclo participaram especialistas estrangeiros e portugueses, com o intuito de promover o aprofundamento da reflexão e incentivar o debate sobre as principais questões ligadas ao futuro da alimentação e à sua sustentabilidade, num mundo em crescimento e cada vez mais globalizado. Charles Godfray, coordenador do Relatório Foresight – encomendado pelo governo britânico sobre o Futuro da Alimentação e da Agricultura – foi o primeiro convidado que começou por lançar a pergunta: **será possível alimentar de forma sustentável os 9-10 mil milhões de pessoas que se prevê perfazerem a população mundial dentro de quarenta anos?** Para responder a esta questão, Godfray referiu diversos aspetos que importará equacionar, desde as alterações climáticas, o aumento dos preços ou a fragmentação das políticas, até à mudança das dietas alimentares dos países em desenvolvimento.

Apesar de ser necessário aumentar a produção de alimentos até 2030, as questões do aumento dos combustíveis e da escassez de água, acrescidas de uma taxa de desperdício alimentar que ronda os 30 por cento, apelam à urgência da procura de novas soluções para os problemas. ■



Olhar a vida e a morte

Tudo começou num projeto-piloto de cuidados paliativos domiciliários no planalto mirandês, em Trás-os-Montes. Iniciado em 2009, o projeto do Serviço de Saúde da Fundação Gulbenkian ajudou dezenas de doentes a passar os últimos momentos da sua vida em casa, com o maior conforto possível e acompanhados por uma equipa médica.

Entre junho e outubro de 2011, a jornalista Susana Moreira Marques percorreu as estradas atrás dos montes e encarou o tema mais difícil: escrever sobre a morte, a partir dos relatos dos doentes, dos familiares, dos médicos e enfermeiros da equipa de cuidados paliativos.

No início do livro, a autora conclui: “Há coisas sobre as quais não se pode escrever como sempre se escreveu. Algo muda. Primeiro os olhos, depois o coração – ou os nervos ou aquilo a que os antigos chamavam alma – e finalmente, as mãos.” E é neste dar-se conta pelos sentidos que o livro evolui, mostrando os protagonistas de uma história sem mistérios, da qual já se conhece o fim. No primeiro capítulo, registam-se as impressões sobre a viagem e sobre a morte, mas também a vida – “de qualquer maneira, todos vivemos em contagem decrescente, e é bom que não esqueçamos esta verdade”.

O segundo capítulo é o dos relatos e dos retratos de Paula, João e Maria, Elisa e Sara, personagens reais que falam sobre o que foram as suas vidas nas terras mirandesas e o que pode ser o fim, nessa esperança de nunca morrer sozinho. No terceiro capítulo, encontramos o registo ainda mais pessoal de Susana Moreira Marques no regresso desta viagem “que ninguém saudável quer fazer” e em que a autora deixa intenções de vida e esperança de que, “mais do que pensar que a cada morte o mundo acaba, pensar que a cada nascimento o mundo recomeça”.

No último capítulo, as páginas abrem-se às fotografias de André Cepeda, do céu para a terra, com a marca de rostos sulcados pela vida e pela aridez do planalto. Rostos simples, entre a sombra e a luz, a cor e o preto e branco, que fazem deste livro um documento único e belo sobre um projeto em que a Fundação Gulbenkian tem investido, da assistência à investigação e formação, pensando sempre nos que mais precisam destes cuidados. A edição é da Tinta da China e está à venda nas livrarias. ■

Outras edições **Labirintos da Adolescência**

Roads to whatever

Fórum Gulbenkian de Saúde – vários autores

Reedições **Arte Poética**

4ª edição revista e aumentada

Horácio

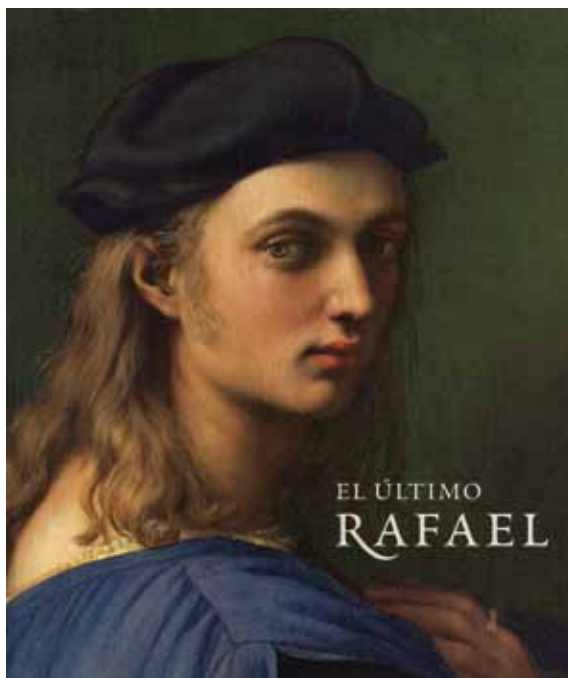
A República

13ª edição

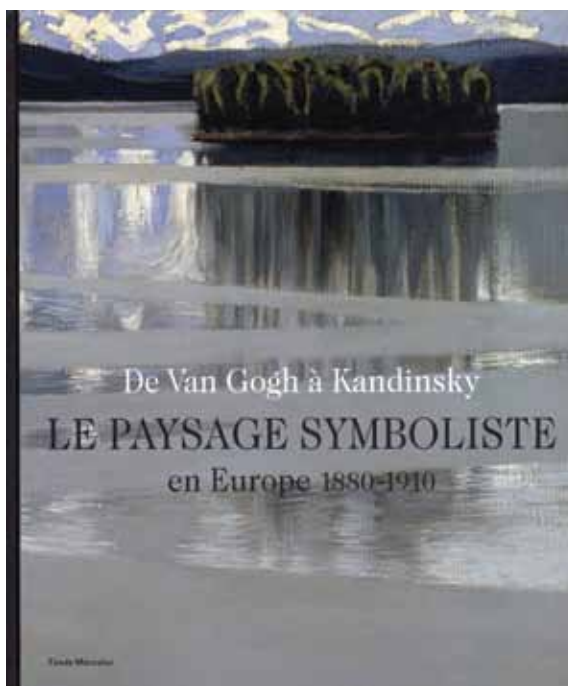
Platão

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

A exposição que atualmente pode ser visitada no Museu do Louvre (Paris) – até 14 de janeiro – esteve anteriormente no Museu do Prado (Madrid) e mostra aos visitantes os últimos anos da produção de Rafael (1483-1520), um dos artistas mais relevantes do Renascimento italiano. Resultado da organização conjunta destes dois museus, esta exposição é a primeira que se centra nos últimos sete anos de atividade do mestre italiano e do seu ateliê, apresentando também trabalhos dos seus ajudantes principais, Giulio Romano (c.1499-1546) e Gianfrancesco Penni (c.1496-1528). Paul Joannides (Univ. de Cambridge) e Tom Henry (Univ. de Kent) foram os dois curadores convidados, responsáveis pela seleção de um conjunto de cerca de 90 obras, que incluem pinturas, desenhos e tapeçarias, produzidas entre os anos de 1513 e 1524, quatro anos depois da morte de Rafael, destacando assim o período da maturidade da sua atividade. Para acompanhar a exposição foram publicados dois catálogos: um em língua espanhola, intitulado *El último Rafael*, e outro em língua francesa, que recebeu o título de *Raphaël, les dernières années*. A edição espanhola (que pode ser consultada na Biblioteca de Arte) contém três textos, um da autoria dos dois curadores, uma bibliografia e a apresentação das obras, divididas por temas vários e profusamente ilustradas. ■



O tema do simbolismo na paisagem europeia uniu museus de três países diferentes – Holanda, Escócia e Finlândia – na realização de uma exposição que o aborda nas suas diversas vertentes. Inaugurada no passado mês de fevereiro no Museu Van Gogh de Amsterdão, foi já mostrada na Scottish National Gallery de Edimburgo e estará até 13 de fevereiro de 2013 no Ateneum Art Museum, em Helsínquia. Apresentada como a primeira dedicada a este tema, esta exposição teve a curadoria de Rodolphe Rapetti e de Richard Thompson – dois especialistas em história da arte do século XIX –, e reúne uma seleção de cerca de 70 quadros realizados entre 1880 e 1910 por pintores nascidos em diferentes latitudes do continente europeu. Entre os representados encontram-se Gauguin, Van Gogh, Monet e Kandinsky, cuja obra é sobejamente conhecida, mas também outros pintores praticamente ignorados nas páginas das histórias da arte ocidental, como os finlandeses Akseli Gallen-Kallela e Ellen Thesleff, o norueguês Harald Sohlberg, o suíço Ferdinand Holder ou o lituano Ciurlionis. O livro publicado para documentar esta exposição existe em quatro línguas: francês, inglês, alemão e holandês; para além dos dois curadores, Frances Fowle e Anna-Maria von Bonsdorff assinam os outros textos, onde se analisam os temas que os artistas exploraram nestas paisagens: visões da morte, do infinito e do cosmos, sonhos, nacionalismo, industrialização; uma bibliografia selecionada, uma biografia dos artistas, a lista das obras expostas e a sua reprodução completam este livro. ■



Biblioteca de Arte

Nandipha Mntambo

Quase duas décadas passadas sobre o fim do regime do apartheid e o advento da democracia na África do Sul, a cena artística daquele país é atualmente uma das mais vibrantes do continente africano. O que não é de estranhar, sabendo-se que a África do Sul é o país que possui as melhores e mais bem estruturadas instituições nas áreas ligadas à produção e à criação artísticas, existindo em muitas das grandes cidades escolas, museus, centros de arte e galerias, com mais ou menos relevância. Depois da Bienal de Joanesburgo (que teve apenas duas edições, em 1995 e 1997), a Joburg Art Fair, feira de arte contemporânea que se realiza na mesma cidade desde 2008, e algumas importantes galerias, como a histórica Michael Stevenson – com dois espaços expositivos, na Cidade do Cabo e em Joanesburgo –, têm tido um papel decisivo na promoção e divulgação dos artistas sul-africanos, não só a nível nacional como também internacionalmente, assim como têm igualmente conseguido fomentar internamente uma prática colecionista (existem já algumas importantes coleções, como a Coleção Enthoven), dedicada a artistas nacionais. Ao longo destes anos pós-apartheid, os artistas sul-africanos têm refletido de formas diversas e em diversos suportes – pintura, escultura, vídeo, performance, fotografia, instalação – sobre aspetos relacionados não só com as mutações a acontecer no país e no continente africano, num contexto de globalização, mas também aspetos em que a sua redefinição identitária enquanto povoação em busca de novas formas de relacionamento é questionada. Alguns deles – como Marlene Dumas (n.1953) e Robin Rhode (n.1976), por exemplo – vivem e trabalham no estrangeiro; outros, como David Goldblatt (n.1930), William Kentridge (n.1955), Nicolas Hlobo (n. 1975) e Mary Sibande (n.1982), vivem e realizam os seus trabalhos artísticos na África do Sul.

Durante o verão de 2011, à semelhança do que vem acontecendo desde 2009, os visitantes do jardim Gulbenkian foram surpreendidos por um conjunto de instalações e esculturas aí realizadas por vários artistas portugueses e estrangeiros, convidados no âmbito do Programa Próximo Futuro. No verão passado, uma das artistas convidadas foi Nandipha Mntambo, nascida na Suazilândia em 1982 e a

viver e trabalhar na Cidade do Cabo, que criou para o jardim uma envolvente construção em bambu, espécie de abrigo que denominou de Cocoon, “Casulo”. Nandipha Mntambo é uma das jovens artistas que emergiu na cena artística sul-africana nos últimos anos – fez a sua primeira exposição a solo, em 2007, na Galeria Michael Stevenson, na Cidade do Cabo – cujo trabalho se tem construído a partir da utilização do corpo e de histórias pessoais, utilizando como material privilegiado a pele de vaca. A escolha deste material para as suas esculturas, em que usa como molde/modelo o seu próprio corpo e o de sua mãe, é descrito por Mntambo como “um meio para subverter as expectáveis associações entre presença corporal, feminilidade, sexualidade e vulnerabilidade”. O resultado são peças poderosas e perturbadoras, de formas por vezes ambíguas e mais abstratas, mas sempre com uma grande carga poética. Em 2011, Nandipha Mntambo ganhou o prémio que o Standard Bank anualmente atribui a jovens artistas da África do Sul e foi realizada uma exposição antológica da sua obra na Galeria Michael Stevenson, na Cidade do Cabo.

A edição especial do catálogo – de apenas 10 exemplares assinados – que a Biblioteca de Arte possui no seu acervo documental tem na capa de tecido vermelho uma intervenção da artista com pelos de vaca. ■ Ana Barata

TÍTULO/ RESP **Nandipha Mntambo : Standard Bank Young**

Artists 2011 / texts by Ruth Simbao & David Elliott

PUBLICAÇÃO Cape Town; Johannesburg : Stevenson, 2011

DESCR. FÍSICA 120 p. : il. color. ; 26 cm

NOTAS Livro de artista. Exemplar nº 7 de uma edição de 10, assinado e numerado pela artista; ex. encadernado a tecido de linho vermelho, com uma colagem de pelos de vaca na capa; acondicionado numa caixa forrada a tecido bege

ISBN 978-0-620-50664-9

COTA(S) LA 161



FESTA DOS LIVROS GULBENKIAN

29 NOV / 23 DEZ
10:00 - 20:00

LOJA DO MUSEU / TERÇA A DOMINGO

LIVRARIA DA SEDE / TODOS OS DIAS



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

